



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

CRENDICES.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1990 | Número: 100

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Crendices. *Revista de Guimarães*, 100 Jan.-Dez. 1990, p. 29-33

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



casadesarmiento

centro de estudos do património

Crendices*

Francisco Martins Sarmiento

Revista de Guimarães, n.º 100, 1990, pp. 29-33

I

O mês de Julho de 1855 passei-o nas Caldas das Taipas, na companhia do meu amigo *Sisnando* — personagem muito recomendável, de quem falarei largamente nas *Recordações*, que estão na forja.

Sisnando tinha uma cadela que dava pelo nome de *Gena*, velha como *Matusalém* e trabalhada de todos os achaques, próprios dos macróbios de todas as raças animais.

Um dia, o meu amigo amanheceu com a veneta de ir às perdizes.

Como diabo queres tu ir às perdizes... sem cão?! — perguntei-lhe eu, meio espantado da lembrança. — Sem cão?! pois, não tenho a cadela?... Ora! uma cadela que tem três sentidos de menos! que nem vê, nem ouve, nem cheira!... — Estás redondamente enganado! não sabes o que ali está! Imagino. Além disso, é mês defeso; irás incorrer na fúria dos *Nemrodes* destas cercanias e desacatar a santidade da lei. Deixa-te disso. — Qual deixo! amanhã havemos de comer perdigão... por força.

¹* in *O Vimaranense*, N.º 11, Guimarães, 28 de Julho de 1859.

Sisnando estava tão emperrado neste projecto, que não houve dissuadi-lo.

Nesse caso —terminei eu, capitulando com o pirronismo do meu amigo, irei eu rever as ruínas da velha cidade. —Está dito.

II

Na madrugada do dia seguinte, trepávamos nós a íngreme ladeira do monte, precedidos de *Gena* que levantava quantas passarolas encontrava, e seguidos de *Domingos*, um digno aldeão daqueles sítios que eu recrutara, para nos guiar pelo trilho menos difícil.

Quando vinguei o cimo do monte, a primeira coisa que fiz foi sentar-me e facilitar ao coração a sístole e a diástole que aquela arrancada violenta me tinha excessivamente alvoroçado. *Sisnando*, fascinado pela ideia do seu perdigão, lá foi esbofando, sem me dar cavaco. Deixei-o ir. O aldeão, que vinha retardado, chegando ao pé de mim, optou silenciosamente pelo meu alvitre e estacionou perto, amuando os queixos contra o cajado de que se ajudara até então na subida.

V. S.^a não quer saber de caça? —disse-me ele com uma voz tão desafrentada que me fez inveja. —Não... gosto desta caça— respondi, ainda açodado.

Domingos riu-se maliciosamente, inculcando penetrar o equívoco. Deixei-o com a sua finura; e, momentos depois, perguntei-lhe, simulando uma ignorância plena, para espremer daquela crónica ambulante todos os esclarecimentos possíveis: Não é aqui que se conta ter existido uma cidade?... —É sim, senhor: uma cidade de *Mouros*. De *Mouros*?! —Sim, senhor. Como sabem vocês que era de *Mouros*? —Dizem que há livros que falam disto; e conta-se até que houve quem os visse. Quem os visse?... Os *Mouros*?... —Sim senhor. Já vai há muitos anos, mas diz-se que houve alguém que desceu por

uma mina que ali há mais adiante e que vai ter ao Rio Ave... O que lá foi entrou, entrou, e, chegando lá muito ao fundo, viu quatro homens, de mitras, por dentro duma grade, com muito dinheiro diante deles e a baterem com martelos. Mais o que foi se chegava, mais os quatro homens se afastavam. Eram *Mouros*. O homem subiu, cheio de medo; quis voltar lá com outros, mas não deram com o sítio. Essa é boa! — exclamei eu, meio pasmado do destempero da narrativa. —então, que diabo faziam os quatro *Mouros* com martelos... por dentro das grades?... —Isso lá... é que ninguém sabe. Guardariam o dinheiro; e que aqui há muito dinheiro, diz que há está em livros. Uma vez, vieram aqui uns, com um livro encantado; fizeram uma cova muito funda, mas chegando a certa altura, diz que foi uma tal trabuzada de trovões, que largaram a fugir. Mas que há grandes riquezas, há; porque aí está um caseiro de v. s.^a que tinha um avô que encontrou, no rio *Cavalo*, que nasce por aqui perto, uma *goleira* (leia coleira), com seus feitios. Foi vendê-la a Guimarães e deram-lhe por ela trinta mil réis. Sabe Deus o que ela valia!

Domingos contava tudo isto com a melhor boa fé, mas retalho de crónica cortada pela traça e pela desmemória, o bom do lavrador não atava coisa com coisa.

A historieta mais completa que pude obter foi a seguinte:

—Isto foi há muitos anos —disse ele. Os *Mouros* levaram um rapaz aí de Donim, que tinha casado, há poucos dias. Tiveram-no lá na *Mourama* um ano, e, no fim do ano, um deles disse-lhe: tua mulher vai casar amanhã. O rapaz ficou muito triste, e o *Mouro* tornou-lhe a dizer: quanto davas tu, se te visses dentro dum minuto lá na tua terra? O rapaz que não tinha dez réis, para mandar tocar um cego, respondeu que não podia dar nada. Pois —disse-lhe o *Mouro*— escusas de dar nada; se juras fazer uma coisa que te eu mandar, ponho-te lá num minuto. O rapaz, custava-lhe a acreditar, mas prometeu jurara, se não fosse coisa que lhe fizesse mal à alma. Não te faz mal à lama. — Nesse caso, juro. Hás-de fazer isto. Amanhã, antes de nascer o sol, irás à veiga de tal (e disse-lhe o nome); está lá uma pedra branca; hás-de pegar nela e atirá-la ao rio. Mas se não fazes o que pro-

metes!... O rapaz prometeu e jurou. Bem, agora escolhe: em qual queres ir, no cavalo do vento ou no do pensamento? –O rapaz escolheu o do pensamento, e apareceu-lhe logo um cavalo que deitava fogo pelos olhos e pela boca. Assim que lá chegares, ouve bem –disse o *Mouro*– dependura-te num dos ramos da figueira que tens à porta de casa e diz assim: arre burro com todos os diabos! Ouviste? –Ouvi. Ora vai.

Mal o rapaz montou em cima do cavalo... aquilo era fugir que nem sabia por onde ia nem por onde não ia. Enquanto o diabo esfrega um olho, viu-se à porta de casa. Pendurou-se como o *Mouro* tinha mandado, num dos ramos da figueira e disse: arre burro com todos os diabos! O cavalo deu um estoiro e desapareceu, como coisa má...

Aqui *Domingos* sorriu com um sorriso que tinha seu que de incredulidade.

Depois que se deixou cair da figueira –continuou ele– o rapaz ouviu tocar e cantar muito dentro da casa. Bateu à porta; chamou. Falou-lhe de dentro a voz da mulher, mas, por mais que ele dissesse que era o seu homem, a mulher não queria acreditar; dizia que o seu homem tinha sido levado para a *Mourama*, até que o rapaz lembrou-se que tinha a metade dum anel; meteu-o por baixo da porta e disse-lhe: vê lá se essa é a metade do anel que eu parti para te dar: Então a mulher disse que sim; abriu-lhe a porta e despediu a gente. No outro dia, de manhãzinha, o rapaz foi à veiga de que os *Mouros* lhe tinham falado, e encontrou lá a pedra. Diz que era uma pedra, muito branca, que os lavradores daqueles campos costumavam pôr na grade, quando lavravam. Pegou na pedra; chegou ao pé do rio e... zás! atirou com ela à água. A pedra ficou na tona; abriu-se e apareceu, sentada nela, uma *Moura*, diz que mais formosa que o sol, a pentear-se e a cantar muito contente, porque ia para a sua terra. E lá foi pelo rio abaixo!?

O narrador calou-se e eu faço o mesmo, porque a tira está a acabar. Algum disparate mais que havia a acrescentar é de menos interesse ainda.



III

E *Sisnando*? e o perdigão?
Permita o leitor que lhe não responda.